

Imagens Maracá e Cunani: Identidades e Globalização.

Lídia Lobato Leal

Mestranda em Cultura Visual FAV/UFG lleal19@gmail.com

Luis Edegar de Oliveira Costa

Prof. Dr. No programa de Pós graduação Mestrado em Cultura Visual FAV/UFG.

luisedegar@gmail.com

Resumo:

O presente trabalho analisa a utilização das imagens Maracá e Cunani por parte de instituições como o governo do Estado do Amapá e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) na tentativa de imprimir uma identidade à população amapaense através da veiculação e massificação desses referenciais imagéticos pela publicidade institucional e privada. Argumenta sobre os interesses que direcionam tais práticas e quais as implicações para a comunidade. Analisa este fenômeno a partir dos conceitos de globalização. A retomada dessas iconografias que pertenciam até então ao universo acadêmico, através dos estudos iconográficos arqueológicos, passam a ser utilizadas por parte das instituições como o SEBRAE/AP do o Governo do Estado do Amapá (GEA), acontece a partir de 2006 com o claro propósito de promover um forte movimento no sentido de construir um “sentimento de amapalidade”. Esse seria o vínculo identitário que estabeleceria a noção de pertencimento dos indivíduos à sociedade amapaense.

Palavras-chave: Identidade; Maracá-Cunani; Instituição, Globalização.

Abstract:

This article analyses the usage of Maracá and Cunani images by institutions like the govern of the state of Amapá and the ‘Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE)’ with the intention of giving to the Amapá’s population an identity,by the massive usage of these images by goveral and private advertising system. It tells about the interests that directs this type of usage and the implications of this to the community. Analyse this situation overcoat Globalization concept. Argued on the interests that address such practices and has implications for the community. It examines this phenomenon from the concepts of globalization. The resumption of these iconographies which until then belonged to the academic world, through iconographic archaeological studies, will be used by the institutions as the ,SEBRAE / AP by the Government of the State of Amapá (GEA), is from 2006 with the clear purpose of promoting a strong movement towards building a "sense of amapalidade." That would be the link identity that would establish the concept of belonging to society of individuals amapaense.

Key-words: Identity, Maracá-Cunani, Institution, Globalization.

Este trabalho atende à necessidade de compreender como acontece o fenômeno “identidade”, e como a instituição estatal utiliza-se dessa construção para manter-se em uma posição privilegiada. Mais precisamente analiso o Estado do Amapá em sua “Campanha da Amapalidade”, partindo das imagens Maracá e Cunani. Assim, ao propor este estudo tenciono verificar como as imagens Maracá e Cunani são utilizadas como mote para essa construção identitária.

A relevância deste estudo está no fato de analisar o fenômeno “construção de identidade” de um modo específico, partindo de uma campanha encabeçada pelo SEBRAE em parceria com o Governo do Estado do Amapá (GEA) e suas secretarias. Zygmunt Bauman (2005) compreende a identidade

(para ele identidades) não como uma construção, mas como um fenômeno decorrente de fatores como a globalização, os deslocamentos populacionais (migratórios), os meios de comunicação de Massa e as mudanças nos meios de transportes, sobretudo da metade do século XX até aqui.

A retomada dessas imagens que pertenciam até então ao universo acadêmico, através dos estudos iconográficos arqueológicos, passam a ser utilizadas por parte das instituições como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE/AP) do o Governo do Estado do Amapá (GEA), acontece a partir de 2006 com o claro propósito de promover um forte movimento no sentido de construir um “sentimento de amapalidade”, conforme declaração do Secretário Especial de Desenvolvimento Econômico Alberto Góes ao jornal Diário do Amapá. “O que queremos é a colaboração dos profissionais de imprensa na construção do sentimento de amapalidade, na massificação dessas referências iconográficas que simbolizam o resgate na nossa verdadeira história” (MELO, 2006). Esse sentimento seria o vínculo identitário que estabeleceria a noção de pertencimento dos indivíduos à sociedade amapaense.

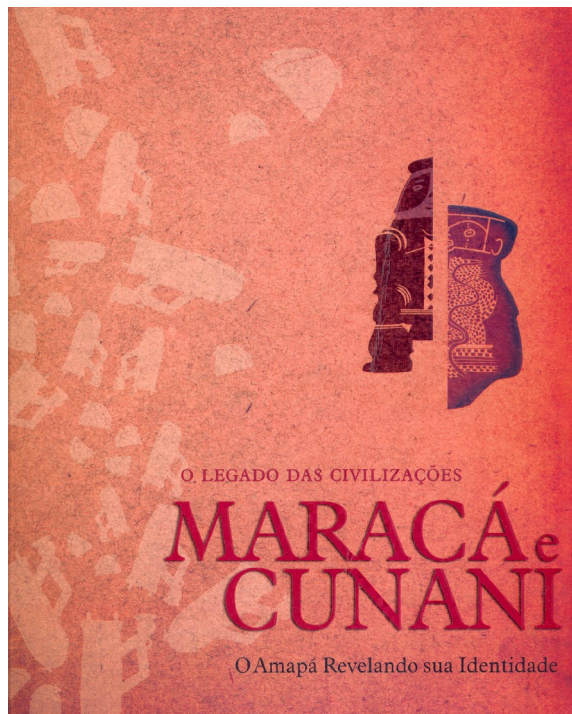


Imagem 1

Para Stuart Hall, o sentimento de pertencimento a uma nação está vinculado a uma composição de instituições culturais, símbolos e

representações. O que ele chama de *narrativa da nação*, pois esta é contada e recontada através de “estórias, imagens, panoramas, cenários [...], triunfos e desastres que dão sentido a nação” (2006, p.52, grifo do autor). Aqui faremos uma apropriação do termo *nação* para utilizá-lo analogamente em termos de localidade, ou seja: as estórias, imagens utilizadas pelo GEA e SEBRAE/AP ajudam a construir um sentido de localidade, que para Hall, seria um sentimento de pertencimento à nação. A *narrativa da nação*, neste caso, poderia ser uma narrativa local com estórias, imagens, símbolos e outras referências de cunho construído e identitário. Para efetivar este estudo foi necessário realizar uma pesquisa documental na biblioteca pública Elcy Lacerda, em Macapá; com periódicos, mais precisamente o Jornal A Gazeta, com exemplares dos meses de março a dezembro de 2006.

Com base no encontro promovido pelo discurso institucional do Governo do Estado e do SEBRAE entre as imagens Maracá e Cunani e a identidade contemporânea da sociedade amapaense, o tema desta pesquisa é: As imagens Maracá e Cunani servem de referência na construção institucional da identidade contemporânea amapaense.

Através de uma proposta de triangulação entre os eixos identidade-imagem-contemporaneidade. Proponho ver as identidades como eixos modificadores ou mantenedores de características sociais locais, sem deixar de compreendê-las como fenômenos atravessados por questões globais. Manuel Castells (2002), defende que a globalização contribui em dois movimentos básicos para reordenar as questões de identidade. 1- A identidade (ou identidades) utilizada (s) como forma de resistência sócio-cultural à homogeneização; 2- A identidade (ou identidades) como projeto de futuro. Sendo que ambas estão intrinsecamente vinculadas às histórias e particularidades de cada grupo e ambas as possibilidades se desenvolvem em campos extremamente designados por relações de poder que tem origem em diferentes processos de criação.

Existe a identidade legitimadora, a identidade de resistência e a identidade de projeto (CASTELLS, 2002). Lembrando que Bauman (1999) não entende que existe “A identidade”, mas as identidades e em Castells essas tipologias de identidade representam um conjunto de ações, movimentos e resistências. Em Castells, a identidade legitimadora está vinculada às

instituições dominantes; A identidade de resistência vincula-se a atores sociais em posição de desvantagem (desvalorizada ou discriminada) na relação de forças e resistências sociais; A identidade de projeto é produzida por atores sociais que partem dos materiais culturais a que tem acesso.

Dentro desta proposta de análise a que se aproxima de minha temática é a identidade legitimadora, pois aparece fortemente na intenção institucional (GEA, SEBRAE), para tentar afirmar uma identidade. Nas relações de forças entre atores sociais dominantes e dominados, a instituição estatal e privada alia forças para perpetuar sua relação de dominação. Dentro da dinâmica proposta por Castells, entenda-se por instituição dominante aquela cuja ação estende-se a um conjunto de pessoas, seja essa instituição eleita de forma democrática ou não, mas que influencia nas relações sociais de forma privilegiada e possui o poder de gerenciar a vida dos membros da comunidade em que está inserida. No caso do Amapá verificando a teoria de Castells seria a identidade legitimadora, mas é preciso fazer uma ressalva, creio que enquadrar de modo cartesiano nesta ou naquela “caixa” seria pensar as relações sociais como estáticas. Mesmo que algumas políticas sejam decretos institucionais, os atores sociais menos favorecidos nessa relação de forças podem subvertê-las. Os movimentos dos atores e das instituições são atravessados por questões como território, subjetividades, poder micro e macro, gênero, mídia e outros menos palpáveis.

Um dos elementos que perpassam as questões de identidade é a globalização que para Hall (2003) e Bauman (1999) pode ser caracterizado pela compressão do espaço-tempo e que é apresentado por Bauman como o “caráter indeterminado, indisciplinado e de autopropulsão dos assuntos mundiais; a ausência de um centro, de um painel de controle, de uma comissão diretora, de um gabinete administrativo” (ibidi.p.67). Hall como Bauman compreende que essa ausência de um painel de controle está vinculada a processos transnacionais e interconectados e Hall reforça “A globalização implica um movimento de distanciamento da idéia sociológica clássica de ‘sociedade’ como um sistema bem delimitado” (2003.p.67-68). Através desse processo globalizante Hall afirma que as identidades estão se desintegrando, que outro movimento está surgindo: o reforço das identidades locais e ainda podem ocorrer identidades híbridas. Pensando nestas questões,

podemos compreender que outra forma de “proteger” a identidade é reforçando-a.

Ao tentarmos buscar outras respostas para a questão de impressão de identidade nos deparamos com a *diferença*, pois o que conduz o outro a reforçar, demarcar, enfim declarar uma determinada identidade é a tentativa de se auto-afirmar, seja no âmbito político (social, comunitário) ou no âmbito pessoal. Landowski nos auxilia neste sentido pois, “A produção da diferença [...] só pode ser concebida como um processo relativamente complexo que mobiliza pelo menos dois planos” (2002.p. 14) esses dois planos estão no nível 1- biológico (um fato de natureza, genético); 2- sociedade (herança cultural). Estes dois marcos, da diferença são somados para evidenciar o *outro*. Neste estudo o *outro* são todos aqueles que não fazem parte do Estado do Amapá, seja no plano biológico seja no plano social. Marcar essa diferença significa SER amapaense, ao menos na intenção institucional.

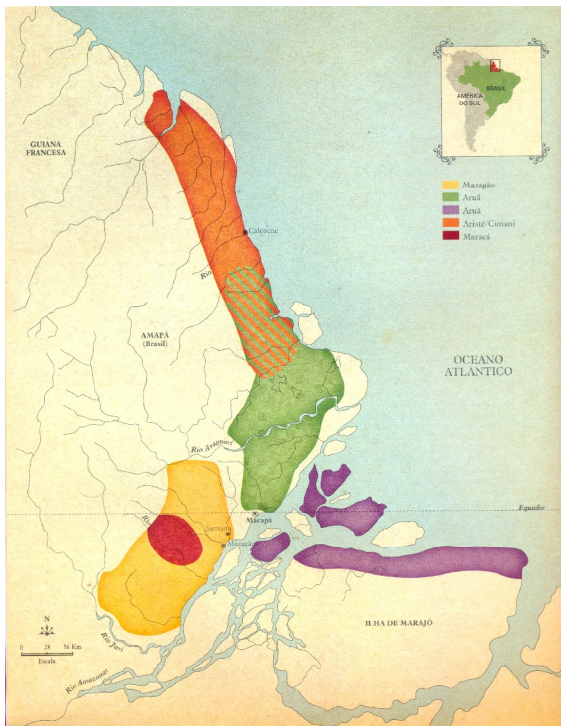


Imagem 2

Uma das questões para o caso específico das identidades Maracá e Cunani seria vincular em Castells o poder legitimador da identidade pela instituição estatal; em Bauman o caráter indisciplinado quando os artistas “fingem” que não lhes interessa a oficina do SEBRAE e os artesãos a acolhem;

em Hall repensar a dinâmica social e como em uma mesma comunidade as tentativas de reforço das identidades pode ser distinta e plurais.

As imagens Maracá e Cunani vêm sendo extensamente expostas nas cidades do Estado do Amapá através do SEBRAE/AP, com apoio do Governo do Estado do Amapá (GEA) e instituições privadas de ensino. O que remete este estudo a fazer uma ligação com a análise não somente da Indústria Cultural, mas do papel que esta vem tendo na produção e veiculação imagética e artística. Alfredo Bosi nos diz que estas instituições “são organizações modernas complexas que administram a produção e a circulação de bens simbólicos” (1992, p.322). Quando for me referir instituição estarei utilizando o princípio de fendido por Bosi e também por Castells. Em Bosi a complexidade e administração, produção e circulação de bens simbólicos como a identidade ou, para se mais clara, as bandejas, pratos e jóias com a “identidade do Amapá”. Em Castells, a instituição aparece como uma influência assimétrica, por mais que tenha sido eleito pelas pessoas que domina.

Bauman (2005) nos demonstra o caráter ficcional da identidade, pois as posições de sujeito, de sentido de pertencimento, de identidades sexuais e de gênero não foram *naturalmente* gestadas e, como já foi esboçado, a identidade somente se consolida com a fratura ou a ameaça de *quem eu sou*. “Nascida como ficção, a identidade precisava de muita coerção e convencimento para se consolidar e se concretizar numa realidade” (*idem*, p.26), é desse modo, que os binômios ou categorias lingüísticas e representacionais se prestam a fixação dessa ficção que é, no momento contemporâneo a identidade. O Estado (que neste estudo está sendo tratado como instituição), para concretizar, gerir e legitimar seu poder sobre seus indivíduos necessitava de instrumentos para melhor alcançar esse empreendimento, e assim garantir sua continuidade.

Para isso são criados sistemas de representação, que para Stuart Hall (2003) é concebido em seu nível significativo e se expressa por meio de pinturas, fotografias, textos, filmes, imagens em geral e também da expressão oral, sendo um traço visível e exterior. Ao analisar pelo pensamento pós-estruturalista o conceito de representação, podemos ainda entendê-la como sendo qualquer sistema de significação, uma atribuição de sentidos, fazendo parte de todo um arcabouço lingüístico e cultural. Assim, “quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade” (SILVA, 2000,

p.91). E isto nos faz refletir em questões como: quem tem, em nossa sociedade, o poder da representação? Com quais sistemas de representação essas 'entidades' estão comprometidas? A quem interessa dominar os meios que veiculam as representações? Entender as imagens como representações é dotá-las de sentidos.

No caso das imagens Maracá e Cunani estamos lidando com uma produção que não se auto designava deste modo, visto que as intenções de sua produção estão vinculadas a elementos cotidianos completamente diversos da produção visual contemporânea. Nesta tentativa de aproximação, as instituições "financiam" a produção de design com as referências Maracá e Cunani, com que intenção? De acordo com a proposta apresentada pelo SEBRAE nacional a utilização de referenciais locais busca imprimir uma identidade de marca à produção mercadológica e tem a finalidade do aumento de vendas e ainda, proporcionar uma aproximação entre o SEBRAE, os governos, prefeituras e comunidades. Esta seria a terceira fase do projeto nacional voltada para as localidades e suas especificidades..

Partindo da concepção de Zygmunt Bauman (2005) e sua teoria de *modernidade líquida*, compreendemos as identidades como processos/constructos históricos, políticos e discursivos –demarcados por sistemas de representação provisórios – e não como invenções cartesianas, heteronormativas, objetivas, centradas, onde a identidade aparece como uma herança de um passado comum compartilhado, ou como um destino biológico. Partindo de Bauman, a identidade fixa é uma ilusão, e neste ensaio a proposta é compreender como as imagens Maracá e Cunani são performativizadas pelas instituições que delas se apropriam.

Os deslocamentos e/ou cisões se fazem compreender "se o movimento entre fronteiras coloca em evidência a instabilidade da identidade, é nas próprias linhas de fronteira, nos limiares, nos interstícios que sua precariedade se torna mais visível" (SILVA,2000, p.89.). Este posicionamento de Silva nos lembra que a exigência de um traço identitário somente é claro quando esta identidade se sente questionada, ambivalente, e/ou desestabilizada pelo diferente. No caso do Amapá, as identidades deslocadas por migrações constantes e por invasões, questionaram as identidades de pertencimento,

gerando uma instabilidade que as instituições, pretendem através das imagens Maracá e Cunani sanar.

Para Canclini o fascínio gerado pelo primitivismo ou o retorno ao modernismo, no sentido de justificar a utilização de imagens de culturas primitivas ou pré-históricas nos remete a essa tentativa oficial de demonstrá-las como identidade de um povo no momento contemporâneo. É análoga a exposição de Canclini no livro “Culturas Híbridas” (2006), pois nos revela uma prática não somente dos museus, mas no caso deste projeto, das instituições do Estado do Amapá e perpassa a questão levantada por Canclini e que de maneira direta se relaciona com esta proposta de investigação. E Canclini pergunta “A que se deve essa insistência na unicidade, na pureza, na inocência, no selvagem [...]?” (2006, p.56), no autor a resposta está vinculada ao valor econômico do investimento pois é necessário que estas produções alcancem altas cotações uma vez que elas estão cada mais relacionadas à companhias de aviação, carros, antiguidades enfim, muito mais do que a valores estéticos, as produções visuais primitivas precisam estar vinculadas a valores econômicos. Para a realidade amapaense essas questões estão em aberto.

Para Homi Bhabha (1998) poucos de nós, se é que alguém, são expostos a apenas uma comunidade de idéias no decorrer de sua existência. Tornando desse modo, o estudo sobre identidade mais relevante ainda para este trabalho, já que esta questão está mais do que posta na contemporaneidade e para as instituições do Estado do Amapá é uma questão que precisa ser explicitada através das imagens como possibilidades de discurso identitário.

Índice de imagens

Imagem 1- Capa da publicação do SEBRAE/AP.

Imagem 2- Mapa do Amapá com a distribuição dos tipos de cerâmica (SEBRAE/AP,2006)

Referência Bibliográfica:

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____. **Globalização**: As conseqüências humanas. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 1999.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1992.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006 (Ensaio Latino-Americanos, 1. Humanitas)

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós – modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

MELO, Ziulana. Maracá e Cunani na Fortaleza. **Diário do Amapá** . Macapá, 05 jul. 2006. Vitrine, p.08.a.

SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS NO AMAPÁ – **SEBRAE/AP**: O Legado das Civilizações Maracá e Cunani: O Amapá Revelando sua identidade. Macapá, 2006.

SILVA, T.T. da. (org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ.: Vozes, 2000.

Lídia Lobato Leal é especialista em Docência do Ensino Superior, Mestranda em Cultura Visual pela FAV/UFG, Membro do GPDSCC da UNIFAP/AP e professora da rede pública estadual do Amapá.

Luís Edegar de Oliveira Costa professor e pesquisador da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. Mestre em Artes Visuais pelo Instituto de Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com dissertação sobre o conceito de jogo e a legitimação da arte contemporânea. Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com tese de doutorado sobre a experiência estética em discursos visuais da arte contemporânea brasileira. Atua como docente e orientador do Mestrado em Cultura Visual da FAV/UFG, na linha de pesquisa em História, Teoria e Crítica da Imagem. Coordena o projeto integrado de pesquisa Agenciamentos e estratégias discursivas da arte moderna e contemporânea de Goiás.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.